

Para além dos livros de leitura e das séries graduadas: os livros para a infância entre fins do Século XIX e início do Século XX na cidade de São Paulo

Beyond reading books and graded series: books for children between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century in the city of São Paulo

Claudia Panizzolo
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)
Guarulhos - Brasil

Resumo: Em fins do século XIX, São Paulo vivia um processo de crescimento acelerado da economia cafeeira que gerou capital para a expansão da rede ferroviária, industrialização, urbanização e imigração; aliados à abolição da escravidão em 1888 e à instalação do regime republicano criaram condições importantes para a imigração em grande escala, convertendo São Paulo em uma das maiores cidades de imigração do mundo. O presente artigo tem por objetivo investigar a circulação de livros de leitura, séries graduadas, álbuns ilustrados e literários destinados à infância, autorizados e adquiridos para serem lidos fora e dentro das escolas públicas primárias, de modo a obter uma aproximação do que liam as crianças brasileiras e ítalo-descendentes, na cidade de São Paulo, entre fins do século XIX e início do XX. Ancorado nas contribuições da História da Educação e na História Cultural e tendo a análise documental como procedimento adotado, toma-se como fonte privilegiada jornais e bibliografia, além de livros de leituras.

Palavras-chave: São Paulo; Livros de leitura; Literatura para a infância.

Abstract: At the end of the 19th century, São Paulo was experiencing a process of accelerated growth in the coffee economy, which generated capital for the expansion of the railway network, industrialization, urbanization and immigration; the abundance of capital combined with the abolition of slavery in 1888 and the establishment of the republican regime, created conditions for large-scale immigration, making São Paulo one of the largest cities of immigration in the world. This article aims to investigate the circulation of reading books, graded series, illustrated and literary albums intended for children, authorized and purchased to be read outside and inside public primary schools, in order to obtain an approximation of what Brazilian and Italian-descendant children read in the city of São Paulo between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. Based on the contributions of the History of Education and Cultural History and having documentary analysis as a procedure adopted, newspapers and bibliography are taken as a privileged source, as well as reading books.

Keywords: São Paulo; Reading books; Literature for children.

Introdução

A partir das três últimas décadas do século XIX, o perfil escolástico de São Paulo foi sendo assimilado pelo capital comercial, otimizado pelo café, pela ferrovia e pela imprensa. A população se diversifica e os contrastes são ainda mais pronunciados. Da Estação da Luz, inaugurada em 1901, como réplica da estação de Sydney, na Austrália, construída com materiais importados da Inglaterra, saía o café e as demais mercadorias para exportação, além dos produtos importados para o consumo interno. Circulavam pelas estações de trem, os barões do café, capitalistas, fabricantes, comerciantes, além de produtos e do correio. E, nesses mesmos trens, mas provavelmente em vagões de classe inferior, os imigrantes, em sua maioria italianos, que haviam atravessado o oceano Atlântico até o Porto de Santos, e de lá até a Hospedaria dos Imigrantes, localizada em São Paulo, para trabalhar nas plantações de café. A maioria dos imigrantes que entrou no Brasil nesse período foi encaminhada para as lavouras de café, para realizar o trabalho que anteriormente era desempenhado pelos escravizados, no entanto, nem todos permaneceram nas fazendas, ao contrário, muitos elegeram as cidades como destino.

Com a chegada dos imigrantes, em especial dos italianos, a população da cidade de São Paulo aumentou significativamente. Sendo em 1872, 23.243 habitantes; em 1886, 44.030 habitantes; passando em 1890 para 64.934 habitantes; e, em 1893 para 192.409 habitantes. Foi exatamente nessa época marcada pelo crescimento populacional que a indústria começou a se desenvolver. As crianças compuseram um grupo social que juntamente com seus pais, saíram da Península Itálica, na maioria das vezes, em meio à fome e à miséria; enfrentaram além das agruras e penúrias da travessia do oceano Atlântico, as condições climáticas, a falta de condições higiênicas, as moléstias, a alimentação desbalanceada e pouco nutritiva e naufrágios para enfim, aportar no Brasil (Morse, 1970, p. 238).

O presente texto tem por objetivo investigar o que liam as crianças brasileiras e ítalo-descendentes, na capital de São Paulo, entre as décadas finais do século XIX e o início do século XX. Gilberto Freyre (1979) escreveu na seção Crônica para crianças, no Diário de Pernambuco, no ano de 1925, que “o brasileiro passa pela meninice quase sem ser menino. Faltam-lhe brinquedos, faltam-lhe livros” (Freyre, 1979, p. 183). Seria esta afirmação verdadeira? As crianças não tinham acesso aos livros? Eles existiam para um público leitor infantil? Segundo Arroyo (1968) “a literatura infantil propriamente dita partiu do livro escolar,

do livro útil e funcional, de objetivo eminentemente didático” (p. 93-94). Não havia outro tipo de literatura para além da que seria adotada no espaço escolar? O livro escolar foi o primeiro livro de literatura infantil? Estas são algumas das questões que moveram a escrita deste artigo.

Ancorado nos referenciais da História Cultural e na História da Infância e tendo a análise documental como procedimento adotado, o presente texto tem como fontes a imprensa que circulou em São Paulo, além de livros de leitura e livros sobre literatura infantil.

Toma-se de empréstimo a conceituação de Infância de Kuhlmann Junior e Fernandes (2004, p.15 e 15) sobre a qual afirma ser uma “concepção ou a representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida” e que, portanto, deve ser investigada considerando os limites que ampliam e restringem a abrangência deste conceito “sob os aspectos de sua duração, da sua dominação, de sua universalidade e das suas particularidades geográficas, sociais, culturais e históricas”. Tomando a História da Infância como sendo a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos com relação à criança, ainda de acordo com Kuhlmann Jr. e Fernandes (2004) a infância precisa ser investigada a partir do contexto histórico e social, tendo como premissa que ela “não é a mesma coisa, aqui e lá, ontem e hoje, sendo tantas infâncias quantas forem ideias, práticas e discursos que em torno dela e sobre ela se organizem” (Lajolo, 2001, p.231).

Sobre o conceito de literatura infantil, recorre-se ao proposto por Mortatti (2001, p.182): “[...] um conjunto de textos – escritos por adultos para serem lidos por crianças – que foram paulatinamente sendo denominados como tal, em razão de certas características sedimentadas historicamente”, por meio, sobretudo, da expansão do mercado editorial e de instâncias normatizadoras.

O texto está organizado em duas seções, na primeira são apresentadas as traduções, as adaptações e a criação de bibliotecas destinadas às crianças ao longo do século XIX; na segunda seção, livros cuja destinação era explicitamente a escola, tais como, fábulas, álbuns ilustrados e livros de leitura; e na sequência, as Considerações finais.

As traduções, as adaptações e a criação das bibliotecas destinadas às crianças

De acordo com Arroyo (1968) a história da literatura infantil brasileira teve início por meio das traduções. A mais antiga teria sido a de *Robinson Crusoe*, de Daniel Defoe, traduzida em 2 volumes, em Lisboa, em 1786, por Henrique Leitão de Sousa Mascarenhas, e completada

Para além dos livros de leitura e das séries graduadas: os livros para a infância entre fins do Século XIX e início do Século XX na cidade de São Paulo

em mais dois volumes no ano de 1816. Cabe destacar o impacto causado pela obra de Daniel Defoe e o modo como inspirou outros autores, assim se deu com *Os dous Robinsons: aventuras de Carlos e Fanny*, publicado em 1832, e *O Robinson de 12 anos*, de 1839, ambos de autor anônimo, presentes no *Catálogo Aillaud e Bertrand*, Livraria Francisco Alves (Arroyo, 1968).

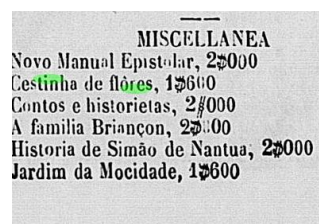
A revisão da bibliografia nos dá notícias de que, a partir da implantação da Imprensa Régia em 1808, passou a circular traduções de livros destinados às crianças, como em 1814, da tradução de A.J., *As aventuras pasmosas do Barão de Munkausen* (Neves; Villalta, 2008), em 1818 foi publicada a coletânea de José Saturnino da Costa Pereira, *Leitura para meninos, contendo uma coleção de histórias morais relativas aos defeitos ordinários às idades tenras, e um diálogo sobre geografia, cronologia, história de Portugal e história natural* (Moraes, 1993).

Ocorreu algo bastante interessante com relação à obra de Swift. Mesmo antes da tradução por J.B.G (nome ainda desconhecido) em 1822, do que se tornaria um clássico, o livro *Viagens de Gulliver*, de Swift, em 1819, circulou no Brasil um livro inspirado no original, denominado *O novo Gulliver* ou *A Viagem de João Gulliver*. Em 1837, chegou-nos de Lisboa a tradução do livro *Os Puritanos da Escócia*, e passada uma década a editora Laemmert publicou *Aventuras do Barão de Münchhausen*, no ano de 1847 (Lajolo; Zilberman, 2022).

Em 1852, Justiniano José Rocha publicou a *Coleção de fábulas imitadas de Esopo e de La Fontaine dedicada à sua majestade o imperador o senhor D. Pedro II e oferecida à mocidade das escolas*. Em 1855 foi feita a tradução (ainda que o nome do tradutor não conste na publicação) do livro *Os caçadores de cabeleiras* de Mayne Reid em 5 volumes, impressos em Lisboa.

Em 1864, mais uma tradução, desta feita a do livro de contos intitulados *Livro Variado*. Na imprensa paulista, encontra-se no ano de 1864, a comercialização do livro *A família Briançon*, de Laurent de Jussieu, que segundo Arroyo (1968) teria sido traduzido por Henrique Veloso (figura 1).

Figura 1-A família Briançon



Fonte: Correio Paulistano, 26 jun. 1864, p. 3

Entre as traduções, merecem destaque¹ a de Gabriel Pereira, em 1869 dos *Contos de Andersen*; bem como a do clássico *Cuore*. O jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, em 11 de agosto de 1887 apresentou uma notícia sobre a obra de Edmondo De Amicis, o *Coração*. Ramalho Ortigão correspondente português, enviou uma carta ao fundador do jornal, José Ferreira de Araújo informando acerca de um “dos livros mais belos, tocantes e enternecedores”. A carta foi publicada na primeira página com o título *Coração*. Seguida da carta, uma nota dos editores esclarece que a partir do dia seguinte seriam publicados os trechos enviados pelo “ilustre colaborador” do “interessante livrinho”, e, finaliza agradecendo “o precioso mimo” oferecido aos leitores da *Gazeta de Notícias*. Entre 12 de agosto de 1887 e 2 de setembro de 1887 foram publicados diversos trechos do *Cuore*, selecionados por Ramalho Ortigão. Em 1889 começa a ser publicizada a venda da obra pela Livraria do Povo, que anuncia a venda de “livros baratíssimos” vindos de Portugal, provavelmente a primeira tradução do *Coração* realizada em Portugal, por Miguel Novais, no ano de 1887. Em 1891 foi publicada pela editora Teixeira & Irmão em São Paulo, a tradução do brasileiro Valentim Magalhães, buscando também a “tradução fidedigna à obra original” (p.79). No ano de 1891, a editora Francisco Alves, anuncia a publicação no Brasil, da obra traduzida a partir da 101ª edição italiana, realizada por João Ribeiro (1891).

Carlos Jansen, publicou pela Editora Quaresma² obras que aqui circularam, tais como *Contos seletos das Mil e uma Noites* (1882), *Robinson Crusóé* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891), *Contos para filhos e netos* (1894) e *D. Quixote de la Mancha* (1901). Por sua vez, também pela mesma editora, Alberto Figueiredo Pimentel foi o responsável pela tradução e adaptação dos clássicos de *Jacob e Wilhelm Grimm*, *Charles Perrault* e *Hans Christian Andersen* publicadas em *Contos da Carochinha* (1894), *Nas Histórias da avozinha*³ (1896) e nas *Histórias da Baratinha* (1896). Carvalho (1989) aponta ainda a publicação do *Álbum das crianças*, uma coletânea de poesias, seguida pelo *Teatrinho Infantil* e *Os meus Brinquedos*, um compêndio com cantigas de berço, jogos e brincadeiras de aniversários, salões e de movimentação (Arroyo, 1968; Lajolo; Zilberman, 2022; Duarte; Segabinazi, 2019).

Segundo Carvalho (1989, p.128), *Os Contos da Carochinha* teriam sido “o primeiro livro para crianças” e se apresentavam como “algo de novo para sua época, na Literatura Infantil, que, até então, não encontrara divulgação literária”. As duas afirmações precisam ser

Para além dos livros de leitura e das séries graduadas: os livros para a infância entre fins do Século XIX e início do Século XX na cidade de São Paulo

problematizadas. Os *Contos da Carochinha* não foram o primeiro livro para crianças, considerando as inúmeras publicações apresentadas nesta seção e havia sim, uma extensiva divulgação destes livros na imprensa. No entanto, os contos fizeram parte de um projeto editorial, bastante inovador à época, quer seja o da criação de coleção de bibliotecas. A análise da publicidade constante na imprensa de São Paulo ratifica a preocupação com a formação das Bibliotecas.

A primeira localizada foi a *Biblioteca de Algibeira* e a *Biblioteca Universal*, que segundo Granja e Bezerra (2023, p.5) foram as duas principais coleções de Garnier a circular na década de 1870:

A Biblioteca de Algibeira era constituída por obras nacionais e, principalmente, por traduções de romances estrangeiros, publicadas em formato in-12 e vendidas a um preço de 1\$000 (mil reis), valor considerado “módico” por um redator anônimo do *Jornal do Commercio* (4 set. 1873). O formato, o valor e as obras que integravam a Biblioteca de Algibeira evidenciam sua destinação popular, ao contrário da Biblioteca Universal, cujos títulos eram vendidos entre 2\$500 e 3\$000, em formato in-8º, contendo um número superior de obras de escritores nacionais, sem deixar de privilegiar a produção estrangeira, pois a maior parte dos mais de vinte romances traduzidos da célebre coleção *Voyages Extraordinaires* de Jules Verne foi publicada nessa coleção.

O jornal *Diario de S. Paulo* (SP) publicizou que se encontrava a venda, na casa do editor L. B. Garnier, no Rio de Janeiro, a “collecção de lindos romances novos, a 1\$000 o volume, in 12” (30/11/1873, p. 4), dentre eles Jules Verne, os três volumes da *Viagem ao redor do mundo*. As publicações de Verne também foram comercializadas em São Paulo, pela casa Garroux. Os volumes, *Viagem ao centro da terra* e *Viagem ao redor do mundo*, publicados em três partes, a primeira, a *América do Sul*, a segunda, a *Austrália*, e a terceira, o *Oceano Pacífico*, cada uma delas, disponível em versão brochura por 2\$000 e encadernada por 3\$000 (*Diario de S. Paulo* (SP), 30/11/1873).

A coleção *Biblioteca Juvenil*, segundo pesquisa realizada por Barros (2019) foi publicada pela editora H. Laemmert & C., a partir de 1882, composta por cinco títulos traduzidos por Carlos Jansen Müller, destinava-se à mocidade brasileira, sendo também denominada *Biblioteca para a Juventude*. Ainda que fosse denominada para a juventude, é preciso ponderar sobre as terminologias crianças, meninos, meninas, mocidade, juventude, juvenil, que não apresentavam rigidez, entre as possíveis fronteiras etárias, sendo composta, por exemplo, por *Mil e uma noites* e *Robinson Crusoé*. A Biblioteca foi amplamente publicizada pela imprensa, apresentada por sua superioridade gráfica, conforme se lê a seguir:

Os cinco volumes de sua biblioteca foram publicados pela Laemmert em edições de boa qualidade gráfica, tanto pelas ilustrações coloridas como pela encadernação. (...) Testemunham ainda sobre seu acabamento editorial os anúncios publicados nos periódicos que circularam no país nas duas últimas décadas do século XIX. Acerca das Mil e uma noites, o redator escreve que “a impressão é das mais nítidas que temos visto e a encadernação da obra, primorosa” (Gazeta de Notícias, 24/12/1882, ano VIII, n. 357, capa). A mesma Gazeta descreve a edição de Robinson Crusoe como “nitidamente impressa”, numa “edição de luxo, adornada com esplêndidos cromos e magnífica capa ilustrada” (26/02/1885, ano XI, n. 57). O editor anunciava ainda uma edição especial, a um preço mais elevado, com “encadernação em percalina inglesa com folhas douradas” (Gazeta de Notícias, 06/03/1885, ano XI, n. 65, p. 4).

Com os *Contos da Carochinha*, a Livraria Quaresma inaugurou em 1894, a *Biblioteca Infantil*, o que segundo Duarte e Segabinazi (2019) seria a “fórmula abasileirada, a receita para uma boa recepção e o conseqüente êxito da obra, que se repetiu edição após edição” (p. 3), de uma obra bem-sucedida, composta por 12 (doze) volumes, sendo 06 (seis) de Alberto Figueiredo Pimentel: *Contos da Carochinha*, *Teatrinho Infantil*, *Histórias da Avozinha*, *Os Meus Brinquedos*, *Histórias da Baratinha* e *Álbum das Crianças*.

Em 1904, O *Archivo Illustrado: Encyclopedia Noticiosa, Scientifica e Litteraria* (SP) apresenta a *Biblioteca Infantil* criada pela Livraria Magalhães, sob o argumento de romper com a “dificuldade com que as mães de família lutam para obter, de historias infantis para seus jovens filhos” (p. 398). Sob um pseudônimo fictício Dona Miloca teria selecionado uma série de livros e presenteado seu sobrinho, propondo assim, ao leitor, que também o faça. Dentre as indicações o livro *O bom irmão*, *O chapéu preto*, *Aventuras de Hilário* etc. (p. 398).

Embora não seja do escopo deste artigo avançar pelas décadas do século XX, é importante destacar que as bibliotecas o fizeram, tendo sido criada em 1912, a *Biblioteca Infantil da Melhoramentos*, por Arnaldo de Oliveira Barreto. Trata-se de uma coleção composta por vários livros, com diferentes historietas. De acordo com Maziero (2015, p.75) a função seria a de “contribuir para aproximar as crianças da leitura e do texto literário” por meio da oferta às crianças de “leitura como fruição; leitura para a escola, mas não para o ensino, como os livros seriados”.

O que teria motivado as casas editoras a criarem estas bibliotecas? Roger Chartier (1998, p.117) em seu livro *A aventura do livro, do leitor ao navegador* problematiza o sonho da biblioteca universal que inspirou a compilação em catálogos e coleções: “[...] que se pretendem paliativos à impossibilidade da universalidade, oferecendo ao leitor inventários e antologias”. Ao que parece, entre fins do século XIX e início do século XX, as editoras e livrarias

Para além dos livros de leitura e das séries graduadas: os livros para a infância entre fins do Século XIX e início do Século XX na cidade de São Paulo

de São Paulo assumiram a função de fomentar e organizar a literatura voltada às crianças, com vistas a suprir as necessidades de um público leitor de diversas idades, de dentro e fora do espaço escolar, fazendo circular obras traduzidas e adaptadas, principalmente de Portugal, mas também da França, Inglaterra, Alemanha e outros países. Esse intento pode ser entendido, por um lado, como um projeto dos editores em fomentar e organizar a literatura para as crianças, propiciando a circulação de livros já consagrados fora do Brasil para os leitores no Brasil; por outro lado, esse empreendimento cultural pode ser interpretado como a intenção em padronizar e delimitar o que é bom e necessário para as crianças, oferecendo esse acesso organizado e condensado, por meio de diversas ‘Bibliotecas’.

Retomemos às publicações fora de coleção. No ano de 1886, as autoras Júlia Lopes de Almeida e Adelina Lopes Vieira inauguraram a presença feminina com o livro *Contos Infantis*. O livro, editado em Lisboa e impresso no Rio de Janeiro, é composto por 58 contos, sendo 31 em verso. Parte dos contos foi tradução do francês Luis Ratisbonne, conhecido autor de livros para o público infantil.

Os contos do renomado Cônego Schmid alcançaram grande circulação em São Paulo. De acordo com Arroyo (1968, p.105), os “livros de muita aceitação, conforme se comprova pelas tiragens sucessivas” traduzidos para o português em 1900. Dentre eles: *O Canário*, por Jose Severiano Nunes de Rezende, *O Cestinho de Flores*, por Braulio Jaime Muniz Cordeiro, e *Ema de Tanneburgo*, por Francisco Maranhão.

Segundo Arroyo (1968, p.104-5), semelhante sucesso aconteceu com as edições das aventuras de *Bertoldo*, *Bertoldinho* e *Cacasseno* que atingiram quantidades relevantes de publicações no começo do século XX:

O catálogo de 1901, de Laemmert & Cia., registrava *Simplicidades de Bertoldinho* com uma nota crítica, esclarecendo tratar-se do filho do “sublime e astuto Bertoldo”, livro esse a que se juntaram as ‘agudas respostas de Marcolfa, sua mãe’. Como foi uma figura extraordinária entre os leitores[...], vale mais uma curiosa informação contida num catálogo francês, distribuído entre nós, entre 1912 e 1913. Aí se atribuía a criação de Bertoldo ao francês Bartolomé.

Ao discutir sobre o papel das traduções vindas de Portugal, Arroyo (1968, p.101) afirma que esta expressiva quantidade de traduções, contribuiu para o florescimento “da literatura infantil brasileira em suas mais fortes e definidas características”. A seguir, discutiremos a criação de uma literatura voltada à escola.

Fábulas, álbuns ilustrados e livros para ensinar e presentear

As três últimas décadas do século XIX foram marcadas pelo debate e reivindicações pela ampliação da rede de ensino, bem como pela melhoria das condições ofertadas. O crescimento da rede de ensino público primário teria sido o estímulo para que educadores brasileiros se dedicassem à escrita de livros de leitura para o uso dos professores. Ocorreu assim, a intensificação e a consolidação do processo de ensino da leitura, marcado pela dualidade de orientações religiosas católica e seculares liberais nos textos escolares infantis, bem como discussões abalizadas por novos elementos estruturais que procuravam afastar a leitura escolar de procedimentos rotineiros, baseados no senso comum, para aproximá-la de novas atitudes e comportamentos caracteristicamente baseados no método científico.

Por meio desta pesquisa, podemos afirmar que simultaneamente circularam distintos materiais voltados ao ensino da leitura e destinados às escolas, a saber, as fábulas, os álbuns ilustrados e os livros de leitura.

Em 1883, o Barão de Paranapiacaba publicou o *Primeiro livro de fábulas...vertidas do francês e oferecidas ao governo imperial para uso das escolas de instrução primária*. A primeira edição foi impressa pela Tipografia Nacional e reeditada em 1886, pela editora Laemmert (Lajolo; Zilberman, 2022). Cabe interrogar o que seria o qualificativo Primeiro? Seria a manifestação da intenção em produzir, na sequência um Segundo livro? Se ao invés, quisesse indicar o ineditismo da publicação, como sendo a primeira no Brasil, tal afirmação não se sustenta. Mas de toda forma, vemos aqui, um novo tipo de publicação, que ocupa um lugar de transição, entre a literatura e o livro escolar. Embora não compusesse coleção de biblioteca ou fosse apresentado como literatura para a infância, o gênero textual fábula, na maioria das vezes curto, geralmente em prosa ou verso, apresenta personagens animais com características humanas, como a fala, tem por objetivo transmitir uma lição de moral ou ensinamento, por meio da moral da história, é explicitamente indicado para uso escolar.

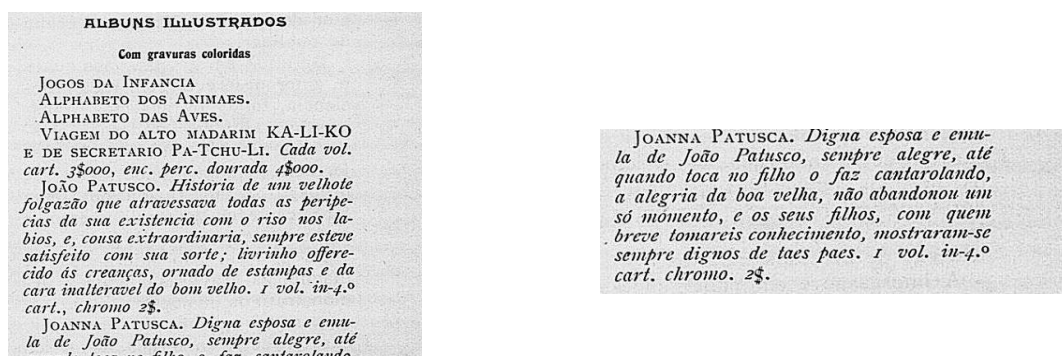
Da mesma forma, a publicação de *Coração*, em 1893, e do *Livro das crianças*, em 1897, de Zalina Rolim, foram recomendados para o uso escolar. Na publicação é mencionado o prefácio do livro, escrito por Gabriel Prestes, exaltando as características da publicação, voltadas “à leitura expressiva e aos exercícios de metrificação” (p. 140). Com relação ao público a que se destinava, a matéria da *Revista do Brasil* não tergiversa:

Para além dos livros de leitura e das séries graduadas: os livros para a infância entre fins do Século XIX e início do Século XX na cidade de São Paulo

Livro das crianças, pela senhorita Zalina Rolim, São Paulo. É um gracioso volume de 112 pags, ornado de gravuras e impresso em Boston. O livro foi escripto para as escolas deste Estado, preenchendo perfeitamente o fim almejado (Revista do Brazil (SP), 1899, p. 140).

Outra publicação, do início do século XX, destinada ao uso escolar foi a série *Álbuns Ilustrados* para crianças. Arroyo (1968) destaca que na maioria das vezes, esses materiais ricamente ilustrados, não indicam a autoria, o que sugere tratar-se de publicação encomendada pelos próprios editores, para atender o mercado de livros para crianças serem alfabetizadas. A figura 2 permite conhecer alguns dos álbuns que circularam no início do século XX:

Figura 2-Álbuns Ilustrados



Fonte: O Archivo Illustrado: Encyclopedia Noticiosa, Scientifica e Litteraria (SP), 1904, p. 355.

Arroyo (1968, p.114) oferece um bom elenco de álbuns ilustrados, a partir do *Catálogo Geral*, da Livraria Garnier de 1928, tais como:

O Anjo da guarda, As Aventuras de Hilário, O Bom Irmão, O Chapéu Preto, Êsteirão Murilo, Jogos da Infância, O Pólo Norte, Segundo Livro das Crianças, Terceiro Livro as Crianças [...] Tiago, O Pequeno Saboiano, O Último Conto de Perrault e Viagem do Alo Mandarin Ka-Li-ko e de seu fiel Secretario Pa-Tchu-li.

Nessas últimas décadas do século XIX foram publicadas em São Paulo, os livros de leitura organizados em séries graduadas de leitura, para atender ao novo modelo de organização didático-pedagógico da escola primária, que lentamente se conformava, através do uso do método simultâneo, pela organização dos conteúdos em diversos níveis e, principalmente, pela formação de classes mais homogêneas e seriadas. Tendo como público-alvo os alunos do ensino primário e secundário, as séries graduadas de leitura vão pouco a pouco sendo disseminadas e popularizadas. Cada livro corresponde a uma série,

conservando, contudo, a mesma autoria e adotando como critério a continuidade, a coerência e o aprofundamento entre as lições, os temas e os livros (Panizzolo, 2006, 2022).

Augusto Freire da Silva (1836-1917) em 1863 teve seu livro *Novo Methodo de ensinar a ler e escrever* anunciado no Correio Paulistano “à venda na livraria de Garraux, de Lailhacar e Companhia” (10 de dezembro de 1863, p. 3). Em 1865, o presidente da província agradeceu ao autor “a offerta que fez de 100 exemplares do seu novo methodo” (Diario de São Paulo, 09/11/ 1865, p. 1). No fim de 1875, apareceu a notícia de que a 2ª edição do *Novo Methodo de ensinar a ler e escrever* acabava de ser impressa no início de 1875 (O Mosquito, 20/03/ 1875, p. 1), como também foi aprovada pelo governo paulista, por “parecer da inspeção geral da instrução” para ser adotada nas “escolas da província” (Diario de São Paulo, 07/07/1875, p. 2), sendo ainda autorizadas compras oficiais nos anos sucessivos: “de até mil exemplares” (Diario de São Paulo, 12/08/1875, p. 1), de “2.000 exemplares” (Diario de São Paulo, 17/11/1876, p. 1). De acordo com Razzini (2023) a 3ª edição do *Novo methodo* foi publicada em 1883 ou em 1887, pela conceituada tipografia de Jorge Seckler.

Abílio César Borges (1824-1891), o Barão de Macaúbas, teria sido o precursor aqui no Brasil das séries graduadas. Sistematizou uma “vasta obra educacional, quer nas escolas que criou e dirigiu, quer nos livros, artigos, relatórios e planos que escreveu” (Pfromm Neto et al., 1974, p.170). O Barão de Macaúbas integrou um grupo de autores significativos para o processo de escolarização brasileira. A série graduada foi publicada a partir de 1866, composta por cinco livros. O *Primeiro livro de leituras morais e instrutivas* tinha por finalidade iniciar o aluno na arte do ler, por meio da silabação; o *Segundo* e o *Terceiro livros*, de caráter predominantemente enciclopédico, visavam a formação do aluno pelas noções gerais acerca de Higiene, História e Geografia do Brasil, além de informações sobre a indústria e a agricultura; fechavam a série o *Quarto* e o *Quinto livros* voltados prioritariamente para a transmissão de conhecimentos científicos, técnicos e literários (Pfromm Neto et al., 1974, p.170-2; Panizzolo, 2006).

Também médico e contemporâneo do Barão de Macaúbas foi o dr. Joaquim José de Menezes Vieira (1851-1897), proprietário e diretor do famoso colégio que tinha seu nome, onde implementou o primeiro jardim de infância do Brasil, o método intuitivo e o ensino profissional, dentre outras inovações educacionais. Menezes Vieira, embora não tenha produzido uma série graduada de leituras, dedicou três livros ao ensino da leitura corrente e

Para além dos livros de leitura e das séries graduadas: os livros para a infância entre fins do Século XIX e início do Século XX na cidade de São Paulo
expressiva: O Livro do Nenê, em 1877; O Amigo de Nhonhô, em 1882; e Vinte contos morais, a respeito do qual não foram encontradas indicações sobre sua data de publicação.

Hilário Ribeiro (1847-1886) teve “sua atuação mais conhecida como autor de livros didáticos, supostamente porque alguns deles atingiram centenas de edições” (Frade, 2023, p. 370). Cada um dos livros de leitura de Hilário Ribeiro apresentava um título diferente. A série graduada iniciava pelo *Primeiro livro de leituras morais e instrutivas* (1878), ambos destinados à alfabetização; seguido de *Cenário Infantil*: segundo livro de leituras morais e instrutivas (1879) e *Na Terra, no Mar e no Espaço*: terceiro livro de leituras morais e instrutivas (1883), que se dedicavam aos conteúdos científicos, históricos e geográficos, e por fim, *Pátria e dever*: quarto livro de Leitura (1887) completava a série. Uma nova série graduada foi nomeada *Lições do lar*: *Primeiro Livro de Leitura*, *Segundo Livro de Leitura*, *Terceiro Livro de Leitura* (1880); seguidos de mais duas publicações, a *Cartilha Nacional para o ensino simultâneo de leitura e caligrafia* (1884); e *Elementos de Moral e Cívica* (1895), e o grande sucesso, a *Cartilha Nacional* (1885) (Pfromm Neto et al., 1974; Panizzolo, 2006; Frade, 2023).

Augusto Emílio Zaluar (1826-1882) destacou-se como teatrólogo, poeta, romancista, contista, tradutor, biógrafo, jornalista e professor. Uma faceta menos conhecida, segundo Santiago e Panizzolo (2023) é a de autor de livros escolares, sobretudo, no que concerne à alfabetização. Escreveu o *Primeiro livro de leitura e de moral para uso das escolas primarias*, publicado no ano de 1871 e adotado nas escolas públicas do governo na corte e em São Paulo. Em 1880 foi publicado o *Primeiro livro da infância ou exercícios de leitura e lições de moral*, livro composto por exercícios de leitura e lições de moral, vertido do livro do conselheiro Delapalme. Em complemento a essa obra, no mesmo ano foi publicado o *Primeiro livro da adolescência ou exercícios de leitura e lições de moral*. No ano seguinte, foi publicada a Nova série de livros de leitura graduada, ornado de gravuras e se destinava às escolas elementares do Brasil. Foi denominado como *Primeiro livro*. Ainda em 1881, foi lançado o *Segundo livro*, organizado em seis partes: Fábulas, anedotas e narrações; Descrições e noções úteis; História e biografias; Agricultura; Conselhos de um professor a seus discípulos; e Poesia.

Thomaz Paulo do Bom Sucesso Galhardo (1852-1904), segundo Alcanfor (2023) alfabetizou gerações por mais de um século. Nas décadas de 1880 e 1900, Thomaz Galhardo produziu, *Monographia da Letra A* (1883), *Cartilha da Infância* (1888), *Segundo livro de leitura para a infância* (1895), *Terceiro livro de leitura para a infância* (1902), compondo a série graduada *Na escola e no lar*, destinada para uso na escola primária. Foi publicada inicialmente

pela Teixeira & Irmão, Editores, mas a partir de 1894, a Editora Francisco Alves comprou os direitos de publicação e editou a *Cartilha* até a década de 1990. De acordo com Alcanfor (2023) os livros de Galhardo foram aprovados pelo Conselho Superior de Instrução Pública em 1894, tendo sido sua distribuição assegurada para o provimento das escolas públicas paulistas.

Em 1884, João Köpke (1852-1926) criou um modelo de série graduada, destinada às aulas de leitura corrente, expressiva e suplementar, os livros compunham o *Curso sistemático da língua materna*, publicação que foi denominada como *Coleção João Köpke*, e depois de *Série Rangel Pestana*, organizada em seis partes ou seis livros. O *Curso sistemático da língua materna* foi publicado inicialmente pela Livraria Melilo, de São Paulo, que, ainda na década de 1890, seria comprada pela Francisco Alves. O *Primeiro livro de leituras* (1911- 28ª ed)⁴, o *Segundo livro de leituras* (1928-61ªed) e o *Terceiro livro de leituras* (1922-43ª ed.) são constituídos por textos moralizantes, relatos edificantes e historietas sobre a vida cotidiana das crianças, tanto em prosa quanto em versos, buscavam conciliar dois propósitos: instruir e educar. O *Quarto livro de leituras* (1909-6ª ed.) e o *Quinto livro de leituras -Florilégio Contemporâneo* (1900- 2ª ed.) de João Köpke remetiam a segundo plano o caráter moralizante dos livros de leitura, produzindo, em suas páginas, ideias e sentimentos relacionados à Pátria, além do amor à leitura e à língua nacional, conteúdos fundamentais para a construção da República. O *Leituras Práticas* (1909-7ª ed) condensa em um único livro textos que privilegiam as Ciências Naturais e Sociais, contudo o caráter instrutivo é praticamente inexistente ao longo das lições. O livro *Fábulas* (1910-3ªed) embora não fizesse parte do *Curso sistemático da língua materna*, também se destinava ao ensino da língua e poderia ser utilizado como leitura complementar. Escrito sob a forma de versos da autoria do próprio Köpke, contendo ainda, para cada lição, o seu respectivo ensinamento moral (Panizzolo, 2006).

Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho (1850- 1898), de acordo com Ferreira (2023) “se destacou no cenário da Instrução Pública em diferentes aspectos, no entanto, foi a sua série de livros de leitura que o levou para o patamar de reconhecimento, pois esteve presente em tempos e lugares distintos do Brasil” (p.245). No que diz respeito, ao conjunto dos livros de leitura, publicou o *Primeiro Livro de Leitura*, o *Segundo Livro de Leitura* e o *Terceiro Livro de leitura*, em 1892, enquanto, o *Quarto livro de Leitura* e o *Quinto Livro de Leitura*, tiveram sua primeira edição em 1895.

Para além dos livros de leitura e das séries graduadas: os livros para a infância entre fins do Século XIX e início do Século XX na cidade de São Paulo

Não se tem, neste artigo, a pretensão de esgotar toda a produção de livros de leitura e séries graduadas publicadas no século XIX, mas destacar algumas que obtiveram expressiva circulação em São Paulo. O *Registro de compras de materiais escolares* do governo do Estado de 1898, apresenta elementos interessantes sobre a circulação dos livros em que figuram autores da Casa Alves e Companhia, como Köpke, Ribeiro, Galhardo e De Amicis.

Tabela 1 - Registro de compras de materiais escolares - 1889

| Autor | Título | Quantidade |
|-------------------|---------------------------|------------|
| João Köpke | Primeiro Livro de Leitura | 460 |
| João Köpke | Segundo Livro de Leitura | 230 |
| João Köpke | Terceiro Livro de Leitura | 100 |
| Hilário Ribeiro | Cartilha Nacional | 24 |
| Thomas Galhardo | Cartilha da Infância | 100 |
| Edmondo De Amicis | Coração | 140 |

Fonte: Registro de compras de materiais escolares, 1889, APESP, E02150.

Os livros foram fartamente anunciados pela imprensa de São Paulo. O jornal *Correio Paulistano*, no ano de 1872 divulgou os livros que chegaram na *Livraria A. L. Garraux*, e dentre eles constavam o *Primeiro livro de leitura*, o *Segundo livro de leitura*, o *Terceiro livro de leitura*, todos de Abílio Cezar Borges (17/08/1872; 20/08/1872, 06/11/1872). Neste mesmo ano, o *Diário de São Paulo*, anunciou os livros disponíveis na *Livraria A. L. Garraux*, *Primeiro livro da infância*, por Delapalme, traduzido por Cornélio F. França Junior; o *Novo Methodo de ensinar a ler e escrever*, de Augusto Freire da Silva; o *Primeiro livro de leitura*, o *Segundo livro de leitura*, o *Terceiro livro de leitura*, todos de Abílio Cezar Borges (08/11/1872, p. 2). No ano de 1879, novas publicações são divulgadas no *Correio Paulistano*, convidando os leitores a adquirirem livros com desconto na *Livraria Ricardo Mathes*, dentre eles constavam o *Primeiro livro da infância* e o *Primeiro livro da adolescência*, ambos de Zaluar (16/11/1879, p. 3).

A divulgação de livros segue, e em 1897, o *Jornal do Commercio* de São Paulo anunciou a *Livraria Clássica de Alves & Companhia*, situada na Rua da Quitanda. Desta feita, com o *Primeiro livro de leitura*, o *Segundo livro de leitura*, o *Terceiro livro de leitura*, o *Quarto livro de leitura*, todos de Felisberto de Carvalho; a *Cartilha da Infância* e o *Segundo Livro de Leitura*, ambos de Thomas Galhardo; *O Amiguinho de Nhonho*, de Menezes Vieira (04/06/1897, p. 3).

O *Curso sistemático da língua materna* foi concebido e publicado inicialmente para os alunos da própria escola de Köpke, a Escola Primária Neutralidade, e com a criação do Instituto Henrique Köpke, também lá tornou-se, leitura obrigatória. Além dessas escolas foi

adotado pela Escola Americana de São Paulo, nos anos de 1921, 1922, 1929, 1930 e 1932, não como série graduada, mas como um livro de leitura. Entre as séries graduadas mais populares no ensino público em São Paulo, na última década do século XIX, estavam os livros de João Köpke e os de Felisberto Carvalho (Panizzolo, 2006).

Com a Proclamação da República os livros ganham status de artefato cultural a ser valorizado, e integram um momento bastante enaltecido na escola primária pública, a dos exames públicos, que além de se constituírem em acontecimentos sociais e momentos de visibilidade do universo escolar, estabeleceram uma cultura de seleção bastante excludente e meritocrática. A este respeito Souza (1998, p.242-3) esclarece:

A instituição dos exames públicos constituiu uma das ‘inovações’ educacionais republicanas mais contraditórias e conflituosas no processo de construção da escola primária pública renovada [...] Por este regulamento foram estabelecidos exames públicos a serem realizados por bancas compostas pelo inspetor do distrito, como presidente, por dois examinadores por ele nomeados e pelo respectivo professor da escola ou da classe.

Como parte dos rituais de exame foram instituídos prêmios como forma de disciplina e de emulação. Os prêmios muitas vezes eram por assiduidade, comportamento, leitura, caligrafia, aritmética, aproveitamento geral etc. A depender de beneméritos, o prêmio poderia ser um depósito em caderneta no Banco Popular, medalhas e muitas vezes livros.

No jornal *Commercio de São Paulo* (1904) a notícia de que na “Livraria Magalhães acaba de receber uma grande e variada collecção de livros com elegantes encadernações douradas, finas gravuras coloridas, desde 1\$000 o volume” (04/12/1904, p. 4). O *Primeiro*, *Segundo* e *Terceiro livro para crianças*, *O Anjo da Guarda*, *As aventuras de Hilário*, *O bom irmão*, *O Chapéu preto*, *Estevão Murillo*, *O Gato da avozinha*, *Thiago, o pequeno saboiano*, *O último conto Perrault*, foram anunciados no *O Archivo Illustrado: Encyclopedia Noticiosa, Científica e Litteraria* (1904) a um custo de 1\$000 cada exemplar, e sem indicação de autoria (p. 355).

O *Correio Paulistano* e o *Archivo Illustrado: Encyclopedia Noticiosa, Científica e Litteraria*, no ano de 1906, advertem seus leitores que “aproximando-se o tempo das festas, chamamos a vossa preciosa atenção para a grande collecção de obras ilustradas que possuímos...”, e na sequência, por meio de uma mesma publicidade usada em álbuns impressos, destacam: “*Bibliotheca da Infância com ilustrações de G. Staal*, *Noites Brasileiras*, por Ignez Sabino, *Contos do tio Alberto* por Figueiredo Pimentel, *Contos de Schmidt* (Rosa de Tannemburgo, *O Cestinho de Flores*, *Henrique d’Echenfelds*, *Genoveva de Brabant*”[...]

Para além dos livros de leitura e das séries graduadas: os livros para a infância entre fins do Século XIX e início do Século XX na cidade de São Paulo

(Correio Paulistano, 01/01/1906, p. 6; O Archivo Illustrado: Encyclopedia Noticiosa, Scientifica e Litteraria, 1906, p. 398). Os livros em edição in 4º, apresentavam um custo de 1\$500, e como se vê, são publicações, em grande parte de traduções de autores já renomados.

Considerações Finais

Ao longo do século XIX circularam em São Paulo traduções de livros já renomados, ou seja, bem-sucedidos em termos de vendas na Europa, mas também foram comercializados pelas livrarias da cidade, bem como foram estampados nos anúncios da imprensa local, livros voltados às crianças, no mais das vezes encomendados pelos próprios editores, cujas particularidades merecem atenção. A primeira, a de ser enriquecido em gravuras coloridas, os denominados álbuns ilustrados; e a segunda, a de ser explicitamente indicado para uso escolar. O mesmo se deu com os livros, cujo gênero literário, já conhecido pelas traduções, agora passaram a ser escritos por autores brasileiros e recomendados para uso nas escolas primárias, as fábulas. Neste sentido, parece que se delineiam dois tipos distintos de livros voltados às crianças, o que é produzido, traduzido e adaptado para a língua portuguesa, e destinado aos meninos e meninas, de modo geral. E um segundo, cuja produção, divulgação e circulação vinculam expressamente a escola como sendo o *locus* de adoção, e não mais as crianças, mas os alunos, os seus destinatários.

E por fim, um terceiro tipo de livro criado para atender ao modelo de escola graduada criada em fins do século XIX, os livros de leitura, muitas vezes organizados em séries graduadas. Nas páginas da imprensa flagramos a publicidade de vários deles, indicando o impacto do crescimento da rede de ensino pública primária e do novo modelo de organização didático-pedagógico, que lentamente se conformava, por meio do uso do método simultâneo, pela organização dos conteúdos em diversos níveis e, principalmente, pela formação de classes mais homogêneas e seriadas, que requeriam livros graduados.

Retornemos às questões que moveram a escrita deste texto. Os livros voltados à infância foram sim traduzidos e adaptados para o nosso idioma e poderiam ser adquiridos nas casas editoras e livrarias de São Paulo. Antes da leitura nos bancos escolares ser normatizada pelos livros de leitura e séries graduadas, ou caso decidissem fazê-lo simultaneamente, era possível se aventurar com *As Viagens de Gulliver*, com o *Barão de Munchausen* e com *Robinson Crusoé*; conhecer outros reinos, habitados por fadas, bruxas, gigantes e aias, com os contos de *Grimm*, *Perrault* e *Andersen*; e ir às lágrimas com *Cuore*.

Resta uma inquietação, o fato de estar à venda, de ser anunciado e comercializado não implica em acesso às crianças. O Recenseamento Geral de 1872 nos fornece pistas relevantes sobre a população. Em São Paulo, capital, a população habitava quatro freguesias, a da Sé, a de Nossa Senhora da Conceição de Santa Ephigenia, a de Nossa Senhora da Consolação e São João Baptista e a de Nossa Senhora do Bom Jesus de Mattosinhos do Braz. Nestas freguesias, considerando a população livre, na faixa etária de 6 a 15 anos havia 2.082 meninos, destes 909 frequentavam a escola e 1.173 eram analfabetos (56%); considerando as 1.832 meninas, 567 frequentavam a escola e 1.264 eram analfabetas (68%). Os índices de analfabetismo persistem entre os adultos com mais de 16 anos, dos 8.121 homens, 3.850 analfabetos (47%), e no caso das 9.916 mulheres, 6.374 eram analfabetas (64%).

Por certo, que cabe aprofundamento para a investigação sobre o que era ou não ser analfabeto no século XIX, mas de toda forma, estes números nos permitem vislumbrar que homens e mulheres tiveram acesso desiguais à escolarização. No caso de meninas e mulheres mais de 64% da população não tinha acesso à escola e provavelmente não soubesse ler e escrever, sequer o próprio nome, e no caso de meninos e homens este índice é superior a 47%. Sem estes saberes elementares, dificilmente o livro estaria entre os objetos de interesse da família, e conseqüentemente da criança. Por sua vez, para as crianças, que conseguiam entrar na escola, muito provavelmente o livro de leitura se apresentasse como o primeiro livro a se ter acesso ou ao menos, algum tipo de contato.

Um outro dado, também joga luz sobre a situação da população. Trata-se das profissões exercidas por homens e mulheres, livres e escravizados. A maior parte trabalhava em serviços domésticos (35,2%), seguido de um número expressivo sem profissão (31,7%), parte trabalhava como lavradores e criadores de animais (14,8%), exercendo profissões manuais, em pequenas fábricas e oficinas (16,2%) e por fim, uma minoria, como profissional liberal (1,82%). Para quantas pessoas o livro seria um artefato valorizado e a leitura e a escrita uma habilidade a ser cultivada no cotidiano?

Com relação às crianças que frequentavam a escola, tanto brasileiros quanto ítalo-descendentes, Panizzolo (2021) afirma que muitas das crianças frequentavam a escola até a terceira série, depois abandonavam os estudos e seguiam para o trabalho, geralmente extenuante, lado a lado com os adultos, e de baixa remuneração. Se considerarmos que os dois primeiros anos fossem dedicados ao aprendizado rudimentar da leitura e escrita,

Para além dos livros de leitura e das séries graduadas: os livros para a infância entre fins do Século XIX e início do Século XX na cidade de São Paulo

provavelmente, a partir da terceira série as crianças entrariam em contato com textos mais interessantes, convidativos e, com potencial para envolvê-los no mundo da leitura. Parte das crianças não teve esta oportunidade.

A pergunta persiste, as crianças liam? Sim, uma parte das crianças teve acesso a literatura voltada à infância. Alguns leram os livros escolares. Muitos não viveram a meninice.

Referências

Fontes

CORREIO PAULISTANO, 26 jun. 1864; 17 ago. 1872; 20 ago. 1872; 06 nov. 1872; 01 jan. 1906; 12 nov. 1919. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/hemerotecadigital/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

DIÁRIO DE S. PAULO (SP), 09 nov. 1865; 08 nov. 1872; 30 nov. 1873; 07 jul. 1875; 12 ago. 1875; 17 nov. 1876; 16 nov. 1879. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/hemerotecadigital/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

GAZETA DE NOTÍCIAS (RJ), 06 mar. 1885; 11 ago. 1887; 05 abr. 1911. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Recenseamento Geral do Brasil de 1872. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo>, 2021. Acesso em: 14 mar. 2025.

JORNAL DO COMMERCIO (SP), 04 jun. 1897; 04 dez. 1904. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

O ARQUIVO ILLUSTRADO: ENCYCLOPEDIA NOTICIOSA, SCIENTIFICA E LITTERARIA (SP), 1904; 1906. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

O MOSQUITO, 20 mar. 1875. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

REGISTRO DE COMPRAS DE MATERIAIS ESCOLARES, APESP, E02150, 1889.

REVISTA DO BRAZIL, 1899. Disponível em: <https://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 14 mar. 2025.

Bibliografias

ALCANFOR, Lucilene Rezende. Thomaz Paulo do Bom Sucesso Galhardo (1852-1904). In: Diane Valdez; Claudia Panizzolo; Ana Raquel Costa Dias; Juliano Guerra Rocha. (Org.). **Dicionário de autoras(es) de cartilhas e livros de leitura no Brasil [Século XIX]**. Goiânia: CEGRAF- UFG, 2023, v. 1, p. 856-869.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BARROS, Helena de. **Ao encontro da cor: os primeiros impressos coloridos brasileiros de caráter lúdico (1880-1945)**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2019.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 6ª ed. São Paulo: Global Universitária, 1989.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. 2. ed. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1998.

DUARTE (UFPB), Cristina Rothier; SEGABINAZI (UFPB), Daniela Maria. O teatro infantil do século XIX na obra *Teatrinho Infantil*, de Figueiredo Pimentel. **Antares: Letras e Humanidades**, [S. l.], n. 24, v. 11, p. 137–156, 2019. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/7339>. Acesso em: 2 jul. 2025.

FERREIRA, Edna Pereira dos Santos. Felisberto Rodrigues Pereira de Carvalho (1850-1898). In: Diane Valdez; Claudia Panizzolo; Ana Raquel Costa Dias; Juliano Guerra Rocha. (Org.). **Dicionário de autoras(es) de cartilhas e livros de leitura no Brasil [Século XIX]**. Goiânia: CEGRAF- UFG, 2023, v. 1, p. 236-252.

FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Hilário Ribeiro de Andrade e Silva (1847-1886). In: Diane Valdez; Claudia Panizzolo; Ana Raquel Costa Dias; Juliano Guerra Rocha. (Org.). **Dicionário de autoras(es) de cartilhas e livros de leitura no Brasil [Século XIX]**. Goiânia: CEGRAF- UFG, 2023, v. 1, p. 369- 383.

FREYRE, Gilberto. **Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor (1918-1926)**. São Paulo, SP: IBRASA/INL, 1979.

GRANJA, Lúcia; BEZERRA, Valéria Cristina. Baptiste-Louis Garnier e Louis Hachette: contatos internacionais, direitos autorais e tradução. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 43, e82393, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/82393>. Acesso em: 24 abr. 2023.

KUHLMANN JR., Moyses.; FERNANDES, Rogério. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, L. M. (org.). **A infância e sua educação: materiais, práticas e representações (Portugal e Brasil)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p. 15-33.

LAJOLO, Marisa. Infância de papel e tinta. In: FREITAS, M. C. de. (org.). **História social da infância no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 229-250.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história & histórias**. São Paulo: Editora UNESP, 2022.

MAZIERO, Maria das Dores Soares. **Arnaldo de Oliveira Barreto e a Biblioteca Infantil Melhoramentos (1915-1925): histórias de ternura para mãos pequeninas**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação- Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

MORAES, Rubens Borba de. A Impressão Régia do Rio de Janeiro: origens e produção. In: CAMARGO, Ana Maria de Almeida; MORAES, Rubens Borba de. **Bibliografia da Impressão Régia do Rio de Janeiro**. São Paulo: EDUSP; Kosmos, 1993.

Para além dos livros de leitura e das séries graduadas: os livros para a infância entre fins do Século XIX e início do Século XX na cidade de São Paulo

MORSE, Richard. **Formação histórica de São Paulo: de comunidade à Metrópole**. São Paulo: Difel, 1970.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Leitura crítica da literatura infantil. **Itinerários**, Araraquara, v.17, p. 179-187, 2001.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; VILLALTA, Luiz Carlos. A impressão Régia e as novelas. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das; VILLALTA, Luiz Carlos (orgs). **Quatro novelas em tempo de D. João**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

PANIZZOLO, Claudia. O Methodo rapido para aprender a ler de João Köpke e as polêmicas em torno da soletração, silabação e palavração (1874-1879). **Revista Brasileira de Alfabetização**, [S. l.], n. 18, 2022. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/672>. Acesso em: 1 jul. 2025.

PANIZZOLO, Claudia. A cidade de São Paulo de muitas gentes e poucas escolas para muita gente: um estudo sobre as escolas italianas entre fins do século XIX e início do século XX. **Revista Inter-Ação**, Goiânia, v. 46, n. 2, p. 441-463, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/view/68511>. Acesso em: 1 jul. 2025.

PANIZZOLO, Claudia. **João Köpke e a escola republicana**: criador de leituras, escritor da modernidade. 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação: HPS-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

PFROMM NETO, Samuel et al. **O livro na educação**. Rio de Janeiro: Primor/ INL, 1974.

RAFFAINI, Patricia Tavares. Práticas de leitura das crianças e jovens no século XIX. In: RAFFAINI, Patricia Tavares; SOARES, Gabriela Pellegrino. **Livros infantis velhos & esquecidos** (orgs). São Paulo: Publicações BBM, 2022, p. 119-132.

RAZZINI, Maria de Paula Gregorio. Augusto Freire da Silva (1836-1917). In: Diane Valdez; Claudia Panizzolo; Ana Raquel Costa Dias; Juliano Guerra Rocha. (Org.). **Dicionário de autoras(es) de cartilhas e livros de leitura no Brasil [Século XIX]**. Goiânia: CEGRAF- UFG, 2023, v. 1, p. 176-191.

RIZZOTTO, Maysa. Pinocchio, Pinóquio - o percurso de um boneco de madeira no Brasil. **Revista de Italianística**, São Paulo, n. 33, p. 96-103, 2017. Disponível em: <https://revistas.usp.br/italianistica/article/view/139662>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SILVA, Adriana Santiago; PANIZZOLO, Claudia. Augusto Emílio Zaluar (1826-1882). In: Diane Valdez; Claudia Panizzolo; Ana Raquel Costa Dias; Juliano Guerra Rocha. (Org.). **Dicionário de autoras(es) de cartilhas e livros de leitura no Brasil [Século XIX]**. Goiânia: CEGRAF- UFG, 2023, v. 1, p. 162-175.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

Notas

¹ Com relação ao consagrado livro *Pinóquio* foi publicado por Carlo Lorenzini, conhecido pelo pseudônimo de Collodi, em 1881, com o título *La storia di un burattino* (A história de um boneco), em capítulos para o jornal infantil italiano, *Giornale per i Bambini*. De acordo com Rizzotto (2017), em 18 meses, foram publicados 15 capítulos, “com a conclusão da história marcada pela morte de Pinóquio” (p. 97) no entanto, a popularidade do personagem somada à insistência do editor “convencem Collodi a retomar a história, que assume o seu título definitivo: *Le avventure di Pinocchio* (As aventuras de Pinóquio) e tem o seu final refeito: o boneco de madeira se torna um menino de verdade” (p. 97). A chegada do livro foi noticiada no Brasil, pela *Gazeta de Notícias* (RJ), que informou que a edição foi feita pela *Livraria Italiana Ramori & Cia* (5 de abril de 1911, p. 5). Não foram localizadas traduções ou adaptações anteriores.

² De acordo com Raffaini (2022) as obras teriam sido publicadas pela *Editora Laemmert*, adaptadas do original em alemão, de Franz Hoffmann. “Os livros foram produzidos em Stuttgart, possivelmente pela editora Thienemanns, trazendo várias imagens em preto e branco e algumas ilustrações de página inteira em cores, impressas segundo a técnica de cromolitogravura” (p. 121).

³ O jornal *Correio Paulistano*, anos depois divulgou *Contos da Avozinha*, sob a direção de F. Adolpho Coelho, em diferentes acabamentos e preços, “1 volume brochura 2\$000, 1 volume cartonado 3\$000, 1 volume em fina percaline 4\$000” (*Correio Paulistano*, 12 nov. 1919, p. 10), que poderiam ser adquiridos na Livraria Magalhães.

⁴ Não foi possível localizar as datas das primeiras edições, por isto recorreu-se ao recurso de indicar o ano e o número da indicação.

Sobre a autora

Claudia Panizzolo

Professora Associada IV da Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, São Paulo, Brasil. Professora do curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Infância, Cultura e História (GEPICH).

E-mail: claudia.panizzolo@unifesp.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-3693-0165>